Publicado em 16/11/2024 - 05:54

Rodoviárias perdem 66% dos passageiros em uma década

MATEUS BRUXEL

As irmãs Augusta (E) e Ivone se surpreenderam com o encerramento do terminal de Rolante e acabaram tendo de pedir ajuda a um neto para conduzi-las até Taquara

Pandemia, enchente e serviços por aplicativo agravaram crise que vem levando ao fechamento de estações no Interior. Praticamente dois terços dos municípios gaúchos **não contam atualmente com esse tipo de estrutura** em funcionamento

Rodoviárias perdem 66% dos passageiros em uma década no RS

Marcelo Gonzatto
marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

Pouco antes do meio-dia do último dia 12, a aposentada Augusta Machado, 79 anos, senta-se no banco formado por uma única lâmina de madeira acinzentada colocado junto à fachada da rodoviária de Rolante, no Vale do Paranhana. Recupera o fôlego com a intenção de se dirigir ao interior do prédio para comprar passagem até Taquara, de onde pretende seguir rumo a Esteio. Augusta não percebe o cartaz colado na porta trancada do estabelecimento, onde se lê: "Comunicado: encerramento das atividades. Hoje, 30 de outubro de 2024, comunicamos a todos o encerramento das atividades da Rodoviária de Rolante".

– Fechou? Como assim? Achei que estava aberta. E agora? Não tem como comprar passagem, pedir informação? – espanta-se a idosa, recém-chegada da cidade de Riozinho, ao ser avisada sobre a suspensão do serviço.

É uma surpresa cada vez mais comum no Rio Grande do Sul, onde a debandada de passageiros provoca um apagão no setor e vem levando muitos concessionários a fechar as portas.

A quantidade de bilhetes vendidos nas cabines despencou 66% ao longo dos últimos 10 anos, o que derrubou o faturamento dos empreendedores e faz com que existam atualmente apenas 184 agências e estações rodoviárias cadastradas em situação ativa no Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer) – quase a metade do que o Estado já teve.

Aprofundamento

Em razão desse fenômeno, praticamente dois terços das cidades gaúchas não contam hoje com esse tipo de serviço. A decadência dos terminais, que muitas vezes eram uma das referências dentro do município, ao lado de locais como a prefeitura e a igreja, é percebida ao longo de toda a última década. Mas a crise, que já era grave, aprofundou-se depois da pandemia de covid-19.

– Desde 2014, a quantidade de passageiros vinha caindo entre 5% e 10% ao ano. Com a pandemia, despencou e não voltou ao mesmo patamar. Muita coisa que era presencial deixou de ser, os cursos de educação a distância aumentaram, além da concorrência dos aplicativos de carona – analisa a diretora de Transportes Rodoviários do Daer, Luciana do Val Azevedo.

Quantidade de bilhetes vendidos cai de 32,2 milhões para 10,9 milhões

A quantidade de bilhetes vendidos nas rodoviárias (excluídas as aquisições diretas nos veículos) recuou de 32,2 milhões em 2013 para 10,9 milhões em 2023. Neste ano, o cenário é semelhante: até setembro, foram registrados somente 6,8 milhões de passageiros. A perda de fluxo atinge com maior intensidade as estações e os municípios de menor porte, embora cidades com vocação turística como Arroio do Sal, no Litoral Norte, e Três Coroas, no Vale do Paranhana, também estejam sem estações no momento.

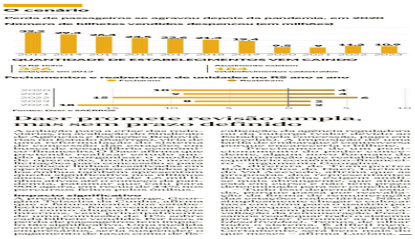
Geralmente, os locais que já funcionaram como rodoviária continuam servindo como ponto de embarque e desembarque de usuários, mas sem a estrutura esperada para um empreendimento do tipo, como sala de espera, banheiro, cabine de venda e outros benefícios.

A enchente de maio complicou ainda mais a situação. Em Porto Alegre, a estação ficou cerca de um mês fechada por conta da inundação ocorrida no começo de maio. Só retomou as viagens intermunicipais no dia 7 de junho. Em Três Coroas, depois de a água invadir o saguão, o concessionário deixou de prestar o serviço. Um novo investidor assumiu o local, que está em obras e sob expectativa de reabrir nos próximos meses. Até lá, os passageiros precisam se adaptar.

– É um desconforto, não tem banco, cadeira, nada. Pra pagar a passagem, desço na rodoviária de Gramado, compro o bilhete e entrego ao motorista – conta a servidora pública Juliana da Silva, que mora em Três Coroas e se dirige todos os dias a Canela para trabalhar.

Por vezes, é possível comprar a passagem diretamente dentro do veículo, quando há cobrador, ou pela internet – mas a falta de uma cabine ou de um balcão de informações deixa passageiros como Augusta Machado sem saberem o que fazer. Diante da ex-rodoviária de Rolante, ela não sabe como adquirir o bilhete e se os ônibus de fato seguem parando ali nos horários previstos. Ao lado da irmã, Ivone Machado, 77 anos, liga para um neto tentando uma nova carona para levá-la até Taquara.

– Vim de carona de Riozinho, onde também não tem rodoviária. Chego a Rolante, e a rodoviária está fechada. O que a gente faz, vai a pé? Vou esperar meu neto me buscar – resignou-se a aposentada.



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Em Foco **Pagina:** 4 e 5

Copyright © Clipclap 2025.